



Uma ponte

Texto Eduardo Petta
Fotografia Carol da Riva

para a Amazônia

Ela lá. E nós aqui.

São Paulo, segunda-feira, 30 de junho de 2008, primeiro dia das férias escolares de inverno. Uma ponte será percorrida. Vinte e sete alunos de três escolas particulares de São Paulo, com idade entre quinze e dezesseis anos, arrumam suas malas para viajar. O destino é a cidade de Alta Floresta, localizada na fronteira agrícola do Brasil com a região amazônica, extremo norte do Mato Grosso, no chamado Arco do Desmatamento. A viagem não será a passeio, mas de estudos, uma semana no Workshop de Conservação da Escola da Amazônia, programa da Fundação Ecológica Cristalino.

Cinco horas depois de levantar vôo da selva de pedra, a aeronave aterrissa em Alta Floresta. Há trinta e dois anos, quando foi colonizada, a região era um oceano verde. Hoje, os olhos de satélite se esforçam para enxergar alguma mancha contínua de mata. Falta floresta; sobram calor, umidade, soja, gado – e a madeira está no fim.

É o tempo de dormir e acordar vendo casais de araras cruzar o céu. E perceber-se em novo mundo. Como vive essa gente que povoa os noticiários de televisão nas chamadas sobre desmatamentos e queimadas, nos documentários sobre vida selvagem? É possível encontrar práticas alternativas para a manutenção da maior floresta tropical do planeta?

As indagações pululam na cabeça dos jovens paulistas a procurar respostas *in loco*, a bordo de um ônibus que roda por Alta Floresta. Primeira parada: Ércio, sessenta anos, piscicultor, horticultor. O esterco de suas galinhas alimenta os peixes que comem os insetos que devoravam a sua horta. Triângulo sustentável. Pioneiro na região, ele explica que desmatar no final da década de 1970 era um processo natural: “Não dá para culpar os antigos com a consciência de hoje. A floresta era o diabo verde, uma coisa para ser enfrentada, dominada”. O ônibus segue viagem. Outra entrevista: João Piva, artesão, que retira da mata o seu sustento. Após dez anos tecendo os fios das palmeiras, emprega aprendizes, vende para o mercado paulista. Mais uma parada: cooperativa de apanhadores de castanha. Antes, só vendiam a castanha *in natura*. Agora, unidos, fortalecidos, beneficiam o produto, conseguem comércio justo, mantêm a floresta em pé. À tarde, duas conversas com supostos “vilões”: madeireiros e pecuaristas. E o mesmo recado: “A maior parte da demanda vem da terra de vocês”.

Jovens paulistanos entram pela primeira vez numa floresta, pelo Programa Escola da Amazônia. Eles não voltarão os mesmos.

É possível conciliar desenvolvimento econômico com a conservação da floresta?

O ônibus segue por estradas de chão e estaciona em frente à escola rural Mundo Novo. Todos para a sala de aula; oito da noite. De um lado, alunos de alguns dos melhores colégios de São Paulo; do outro, alunos do campo, da beira da floresta, que chegam a levar até duas horas de viagem para estudar. São todos da mesma faixa etária. No centro da questão, um mapa de conceito. Papel aberto no chão, eles escrevem no meio da folha a palavra *biodiversidade*, e o que uns e outros pensam a respeito de ameaças e soluções. Começa a troca. Uma hora depois, a ponte São Paulo–Amazônia está inaugurada. Os paulistas se impressionam com a prática e a sabedoria de quem vive a floresta na pele. “Você sabia que o governo taxa a mata como terra improdutiva?” Caem preconceitos. “Esta não é uma terra de vilões. Somos todos iguais e responsáveis”, sopra uma aluna.

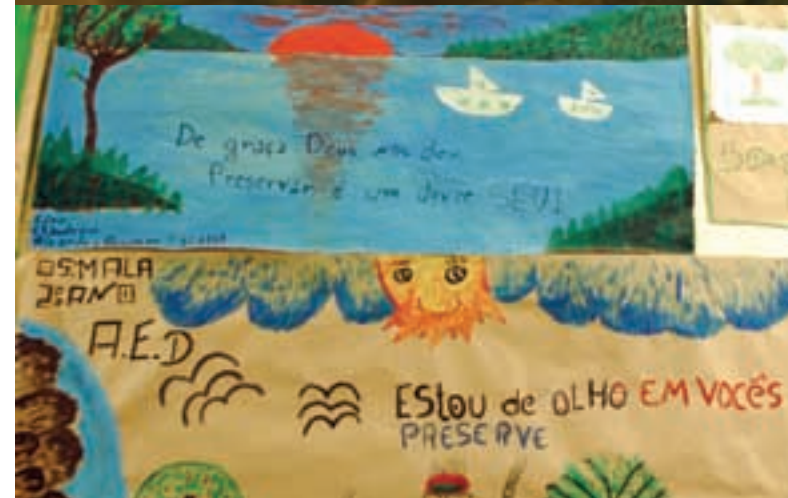
Quarta-feira, sete da manhã, estação da seca. O ônibus deixa Alta Floresta com destino ao Parque Estadual do Cristalino. Meia hora depois, o último pasto, o ingresso na floresta, um túnel verde, o alto dossel das copas cobre o céu até a beira do rio Teles Pires. Todos a bordo, as voadeiras adentram pela foz do rio Cristalino, de águas negras, estreito para padrões amazônicos. A selva passa espalhando o monocromático verde refletido no espelho da água. As retinas dos alunos procuram animais nas margens. Meia hora depois, surge o *lodge*, o “lar” dos próximos dias.

Antes mesmo de desarrumar as malas, começam a discutir o primeiro tema do workshop: é possível conciliar desenvolvimento econômico com a conservação da floresta? Um aluno pisca os olhos. Ao abrir, um espaço do tamanho de um campo de futebol se perdeu na Amazônia. Um bocejo, outro campo. Como fazer das práticas alternativas uma solução viável? Nas cabeças, uma certeza: a resposta para brechar o desmatamento é contra o relógio.

Esta não é uma terra de vilões. Que o digam o artesão João Piva (2 e 3), os membros da Cooperativa de Apanhadores de Castanhas (4) e os alunos da escola rural Mundo Novo (1, 5, 6 e 7). Mas uma coisa é certa: a natureza está perdendo a luta contra o relógio.



Atividade	Empreendedor	Artesão	Impacto
Pinhão			
Apanhadora	1	1	0
Estação Vegetal (hortaliça)	1	2	0
Peça de madeira	2	3	1
Ecológico	3	3	2
Artesanato			





Volta no tempo. O homem surge na África, em espaços abertos, savanas. Há cerca de 12 mil anos, aparece nas selvas da América. Coletam e caçam nas florestas, mas poucos habitam debaixo das árvores — como os yanomami. Para viver: clareiras, chão batido, céu aberto. Em 1500, os portugueses deixam a árida península Ibérica e chegam ao Brasil. Florestas, cipós, epífitas, serpentes. Legenda: obstáculos. A Mata Atlântica cai a ferro e fogo até sobrar 7%. Meio milênio depois, o confronto continua, mas soa o alarme: a ameaça humana não é mais local, mas global. Estamos todos interconectados. A Amazônia desaparece em ritmo acelerado.



De volta à Escola da Amazônia. Sílvio Marchini e Edson Grandisoli, biólogos e coordenadores pedagógicos do programa, começam a apresentar aos alunos, por meio de um *flipshart* (lousa de papel), o método científico, ou, como diz Edson, “a colocar a ciência em prática”. E os levam para uma trilha na mata. Botas, calças, repelente. Muitos deles nunca estiveram em uma floresta antes. A do Cristalino, nas chamadas “terras altas” da Amazônia, é considerada um santuário pelos pesquisadores devido a sua riqueza biológica. Somente de pássaros são seiscentas espécies catalogadas. Algumas árvores precisam de vários homens para abraçar. Os alunos estudam a floresta. Um grupo procura sinais de mamíferos; outro, de aracnídeos; um terceiro, insetos. Voltam para a sala de aula com amostragens, análises e mais indagações.

Nos dois dias seguintes, a operação se repete inúmeras vezes. Dia e noite, entre trilhas e a sala de aula. Alguns se encantam com as borboletas, são mais de oitocentas espécies. Outros, com o brilho fluorescente de uma cobra, o vôo de um tucano, o salto de um macaco-aranha, o perfume de uma flor. Ao mesmo tempo são apresentados aos métodos e materiais de pesquisa de campo, como o gesso, para saber de qual animal é a pegada, e a coleta de bandeja batendo nas plantas para apanhar os insetos. Voltam sempre com mais resultados. Experimentam, reformulam o pensamento, repetem a experimentação, vão ganhando intimidade com a ciência e a floresta. “Aqui, aprendem na prática como o conhecimento é construído”, diz Edson Grandisoli.

Sexta-feira, oito da manhã. Sílvio e Edson chamam os alunos para a sala. “Agora é hora de formular uma proposta de pesquisa. Pensar num título, na hipótese, no método, nos materiais e no objetivo a que se quer chegar”, explica Edson. Os alunos se dividem em cinco grupos e passam a manhã discutindo possibilidades. À tarde, apresentam suas propostas. As borboletas estão em alta, serão pesquisadas duas vezes: concentração de borboletas em razão da incidência solar e em função da quantidade de sal no solo. Concentração de embaúbas nas bordas da mata; comparação da quantidade de insetos em relação ao número de espécies de plantas; e aparição de líquens nos troncos das árvores de acordo com o recebimento de luz completam a lista de projetos.

Sábado de manhã. Prancheta, trena, barbante. Grupos em campo a testar hipóteses. Após pausa para almoço, quatro horas para redigir o artigo científico. O sol está a pino. Faz calor. O rio convida a um banho. Ninguém na água. Os alunos suam em cima do papel: gráficos, tabelas, ilustrações. Sete da noite. Ainda sem banho, relatam suas conclusões. Ao final de cada apresentação, bombardeio de perguntas dos colegas cientistas colocando à prova as experiências, antes do jantar.

No meio da mata, o assombro com o brilho fluorescente de uma cobra, as pegadas de animais e as mais de 800 espécies de borboletas: o método científico não exclui a emoção.

“E eu com isso?”

Domingo, nove da manhã, último dia no Cristalino, grupo reunido, encerramento. Passados seis dias de experiência amazônica, eles voltam a fazer um mapa de conceito da biodiversidade: ameaças e soluções. A visão mudou, ampliou. “Muda o foco”, pede Sílvio. “Agora vocês colocam a palavra ‘eu’ no lugar de biodiversidade.” As ameaças assustam: “ganância, preguiça, ignorância, indiferença, consumismo, modismo, desperdício, egoísmo”. As soluções soam poesia: “generosidade, atitude, reflorestamento, voluntariado, conscientização, envolvimento”.

A ponte funciona. Meninos e meninas de São Paulo têm um novo olhar sobre a Amazônia. “E eu com isso?” — pergunta Sílvio. Um a um, os alunos declaram a carreira que desejam seguir e como pretendem utilizá-la pela causa conservacionista.

O biólogo Sílvio Marchini está contente. Em 2002, quando teve a ideia de criar a Escola da Amazônia em conjunto com Vitória Da Riva, a presidente da Fundação Ecológica Cristalino, era justamente esse seu objetivo. “Trazer alunos de outras partes do Brasil para mostrar não só a floresta, mas a realidade do seu entorno, e estimular, por meio do pensamento científico, que eles se sintam parte dessa natureza.” Mas a Escola da Amazônia não fica por aí. Parte da renda do workshop destina-se a levar as crianças das escolas públicas de Alta Floresta de quinta e sexta séries para passar Um dia na Floresta (nome de outro programa), com atividades lúdicas, sensibilizando-as de que a floresta é um lugar legal, e que vale a pena conservá-la. “Muitas dessas crianças de Alta Floresta nunca tinham tido a oportunidade de colocar os pés na mata”, diz Sílvio. “Os alunos que podem pagar, bancam os daqui, que não podem, fechando o ciclo de sustentabilidade.” A seriedade do projeto rendeu-lhe, em 2007, o prêmio Whitley de educação ambiental, uma espécie de “oscar verde” da ecologia, entregue pela Royal Geographic Society de Londres.

Hora de ir embora. Malas prontas na barranca do rio, voadeiras a postos. Palavras de “voltar logo”, de “sonho”, “paraíso”. Na despedida os alunos abraçam uma secular castanheira — segundo os nativos, a mãe de todas as árvores da floresta. E prometem proteger seus filhotes para as futuras gerações. Tomara uma ponte, para encurtar o caminho do coração com uma Amazônia sustentável. Nós lá. E ela aqui.

Na despedida,
o abraço coletivo.
A “mãe de todas as
árvores” está um
pouco mais segura.

